

VII Fórum da Internet no Brasil

Mesa redonda: Mulheres Negras e Tecnologia

16 de Novembro de 2017

Rio de Janeiro

1. Informações básicas sobre o workshop

Nome da Proponente

Julia Rensi

Gênero

Feminino

Cidade/Estado

João Pessoa - PB

E-mail

juliarensi@gmail.com

Setor

Comunidade científica e tecnologica - UERJ

Nome da Co-proponente

Silvana Bahia

Gênero

Feminino

Cidade/Estado

Rio de Janeiro - RJ

E-mail

silvanahelena.bahia@gmail.com

Setor

Terceiro setor - Olabi

Nome da moderadora

Gabriele Roza

Gênero

Feminino

Cidade/Estado

Rio de Janeiro - RJ

E-mail

gab.sroza@gmail.com

Organização

Agencia Publica

Mini-biografia

Gabriele Roza trabalha na empresa Agencia Publica. E pesquisadora de midias independentes e graduanda em Jornalismo em Pontificia Universidade Catolica do Rio de Janeiro. Contribuiu para o desenvolvimento do aplicativo Museu do Ontem, desenvolvido pelo Babak Fakhamzadeh com a equipe da Agencia Publica. Este app venceu o World Summit Awards Brasil na categoria "cultura e turismo".

Nome da relatora

Natany Luiz

Gênero

Feminino

Cidade/Estado

Rio de Janeiro - RJ

Email

natanyluiz.silva@gmail.com

Organização da relatora

PUC Rio

Palestrante 1

Nome do/a palestrante do setor empresarial

Buh D'Angelo

Gênero

Feminino

Cidade/Estado

São Paulo - SP

E-mail

infopreta.evoluindo@gmail.com

Organização

InfoPreta

Mini-biografia

Buh D'Angelo e formada nos cursos tecnicos de eletronica, automacao industrial, manutencao, tecnologia da informacao e robotica. Fundou sua propria empresa, InfoPreta, pensando em uma empresa de TI diversa em que as minorias fossem acolhidas: mulheres, negras, homossexuais, trans e travestis.

Palestrante 2

Nome do/a palestrante do terceiro setor

Silvana Bahia

Gênero

Feminino

Cidade/Estado

Rio de Janeiro - RJ

E-mail

silvanahelena.bahia@gmail.com

Organização

Olabi

Mini-biografia

Silvana Bahia é Diretora de Programas do Olabi, pelo qual esta a frente da PretaLab, iniciativa focada em estimular mulheres negras e indígenas nas tecnologias. Mestre em Cultura e Territorialidades pela UFF, foi facilitadora da Maratona RodAda Hacker de oficinas de empoderamento feminino em novas tecnologias.

Palestrante 3**Nome do/a palestrante da comunidade científica e tecnologica**

Maria Eloisa

Gênero

Feminino

Cidade/Estado

Salvador - BA

E-mail

mariaeloisa.jcq@gmail.com

Organização

PUC Rio

Mini-biografia

Maria Eloisa é pesquisadora acadêmica no NEXT - Núcleo de Experimentação Tridimensional PUC-Rio. Mestre em Design pela PUC-Rio. Graduada em Tecnologia de Produção de Vestuário com ênfase em modelagem, pelo SENAI/CETIQT. Técnica Textil, pela mesma instituição, especialista em processos de fabricação de roupas e acessórios.

Palestrante 4**Nome da palestrante do setor governamental**

Marielle Franco

Gênero

Feminino

Cidade/Estado

Rio de Janeiro - RJ

E-mail

contato@mariellefranco.com.br

Organização da palestrante do setor governamental

Mini-biografia

Marielle Franco é mãe da Luyara e cria da favela da Maré. É socióloga formada pela PUC Rio e mestra em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente preside a comissão da mulher da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj).

2. Estruturação do workshop

A metodologia desenvolvida no workshop parte de alternativas à construção de conhecimentos formais, adotando outros modelos de compartilhamento de saberes. Para este propósito, as participantes foram convidadas a priorizar o compartilhamento de vivências e trajetórias, ao invés do conteúdo formal.

A partir deste convite, o compartilhamento de trajetórias pessoais e da relação das participantes com as tecnologias pudemos criar um ambiente confortável para a participação de minorias. Como resultado atingimos o objetivo da representatividade. Este aspecto fica evidente em falas do público, como a da Larissa Santiago da Blogueitas Negras quando trouxe que esta foi a primeira mesa em todo o fórum que se sentiu parte e teve coragem para ir ao microfone e participar do debate.

De acordo com Santiago (2017): "As mulheres negras, quando elas entram na tecnologia, falam de um outro lugar. Qual é a importância disso? Do lugar que não seja técnico, mas da produção de seu lugar próprio".

No mesmo sentido, outra participante, não identificada na relatoria, compartilhou a sua experiência de ter sido desconvidadas de eventos por ser negra. Desta forma, é necessário reforçar que a justificativa da proposição desta mesa foi confirmada pela participação das convidadas e do público.

Mauri, do Amazonas, afirmou ser ativa em coletivos de mulheres negras da Amazonia e de coletivos LGBT e enfatizou que "É preciso que estas pautas sejam discutidas em outras mesas nesse fórum no futuro".

3. Síntese dos debates

Gabriele Roza, moderadora da mesa, abriu com a fala "Em 121 anos, apenas 7 mulheres negras foram formadas pela USP", a partir da dados coletados pela Pretalab, projeto desenvolvido pela Silvana Bahia.

Silvana Bahia

Relata que nunca se viu como uma mulher da tecnologia, aprendeu na rodada hacker sobre programação. Após, entrou no Olabi e assumiu como compromisso incluir outras mulheres excluídas desse meio. Porém, não conhecia nenhuma mulher que já estivesse na área. Os dados de pesquisa não faziam análise interseccional que

publicizassem gênero e raça. Iniciou o mapeamento pedindo que compartilhassem sua experiência, e seus desejos de aprendizagem e realização. Nessa linha, fez uma campanha com 10 meninas para contarem sua experiência. A abertura disso veio através das ações afirmativas, mas falta a representação. Os dados serão divulgados em dezembro. Foram identificados 40 projetos de tecnologia em todo o Brasil, autônomos.

Tecnologia não é algo neutro. Avançamos na criação de espaços e tecnologias, mas devemos avançar na produção das tecnologias, das plataformas, dos sites. O que muda quanto temos acesso a produção dessas tecnologias? Diversidade pode ser trocada por diferença.

Buh D'Angelo

Desenvolveu a primeira e única empresa em que só mulheres negras trabalham. É importante salientar que mulheres trans e travestis estão incluídas nessa iniciativa. A partir do momento em que há inovação, já se está criando tecnologia. Formação da indústria e migração para tecnologia. As condições socioeconômicas a impulsionaram a criar a empresa, que nasceu no seu quarto. Hospedagem de 8 meses no laboratório. Sua motivação era ajudar os seus. E iniciou o projeto com a montagem de máquinas para estudantes, que também doa materiais pessoais para os mesmos. Ressocialização preta - negros e periféricos egressos do sistema penitenciário empregados pela Infopreta. Bhu relata o choque cultural com o público de atendimento, que na maioria são de classe média alta. O contato com essas mulheres, que são ex-presidiárias, ex-trafficantes, ex-moradoras de ruas, proporciona além da aprendizagem tecnológica, pois algumas não sabem ler/escrever de forma fluida, o que aumenta a experiência e o ímpeto dessas mulheres em aprender o trabalho. A Infopreta ganhou um prêmio e teve que ir a Berlim recebê-lo, mas no caminho, Buh foi barrada diversas vezes pelas empresas que financiavam a viagem, como pedido de certificado de inglês, pois acreditavam que ela não sabia a língua. Desta forma, a palestrante compartilhou como vivenciou o racismo e os meios de fortalecimento de outras minorias através de sua empresa.

Maria Eloisa

Indagada por estar no sudeste, por ser uma nordestina, e pelos olhares de invisibilidade. No laboratório de pos-graduação, ao apresentar o trabalho, as pessoas comentavam o trabalho como se ela não estivesse naquele espaço. Sempre teve auto-estima, o que lhe deu o ímpeto de que poderia fazer o que quisesse, muito influenciada por sua mãe. A crença ferrenha na sua possibilidade de realização por sua mãe a impulsionou a encarar o que viesse para não decepcioná-la. Ela não sabia o que queria fazer, por ter sido a primeira pessoa da família a ingressar na universidade. Como é importante você se enxergar nos lugares para que tenha representação a qual se espelhar. A sua entrada profissional no âmbito tecnológico, entretanto, partiu da leitura dos rótulos de comida e do amigo de seu irmão, que era engenheiro químico. Ele, de forma indireta, foi uma representação para seguir na área de Química. Inspirada na sua mãe, que trabalhava com roupas, iniciou sua trajetória no brechó. Esse foi o primeiro passo para querer

mudar para o curso de Design de Moda, o que só tinha era possível no setor privado em Salvador. Pesquisou e achou no Rio de Janeiro um curso da indústria têxtil que contava com uma bolsa e alojamento, e veio fazê-lo com a ajuda dos pais. Conheceu a professora Heloísa Helena, negra doutoranda da PUC-Rio que a inspirou a galgar caminhos para ocupar. Existem varias formas de feminismo e militancia, e ela assim se enxerga porque ocupar esses espaços é abrir caminhos para que outros iguais venham. A educação é o caminho para que possamos chegar onde quisermos.

Qual é o Incentivo a mulheres negras entrarem na tecnologia? Não consegue enxergar o incentivo, pois é uma luta diária se manter nesse lugar. É importante o hackeamento e se conhecer para que se puxem os nossos. Existe tambem o preconceito nas corporações, com os processos seletivos de RH. Se houver uma mulher negra disputando com pessoas brancas, apesar do curriculo, dificilmente ela é escolhida. Politicas publicas afirmativas para esse incentivo ela desconhece, e se existe, é muito pouco. A palestrante participa da iniciativa Pretalab a convite da Silvana Bahia, mas em outras oportunidades ao apresentar para outros grupos, o olhar julgador é sempre presente. Na Pretalab, o acolhimento foi um diferenciador ao se ver no publico.

Marielle Franco

Preside a comissão da mulher, e não mais dos direitos humanos. A perspectiva dos direitos humanos e da segurança pública é algo que a atravessa desde sua inserção no pré-vestibular comunitário. Se compromete a disputar o estado por dentro. Como que a partir do lugar de fala, dos modos de vivência, a gente consegue se apropriar das tecnologias como lugar de realização política. Fez parte do pre vestibular comunitario de 98, entra na PUC em 2002. Já mãe e trabalhava em dois lugares, e isso a impossibilitou de viver as dinâmicas universitárias. A epoca, pouco se articulava e reconhecia do lugar racial. Lugar ocupado no departamento de ciencias sociais por iniciativa da Lélia. Trazer o individual pro coletivo, e o acesso ao ensino público qualificado. Entrada e saída da universidade. Marielle ressalta a importância dos movimentos que são mais que identitarios. Hoje, o lugar do nuvem negra é uma reatualização desses movimentos que trazem essas pautas. A epoca, isso não era possível. Os diagnosticos de subalternização da mulher são importantes, mas o desafio é dar o salto de qualidade de tirar do individual para o coletivo. É preciso passar por 2018 lendo cenários e mapas. As últimas décadas não foram democraticas para mulheres negras. Por fim, a palestrante nos questionou sobre como ultrapassar o simbolico - que é o viés onde se materializa a representatividade -, e passar a disputar o orçamento publico para a saude? Plano de urbanização, transporte, etc. Como passar a disputar as posições objetivas que afetam as mulheres negras? Reorganizar as tecnologias ao nosso favor, de formas que possamos acessar essas quebras estatais.

A palestrante aponta a importância de que essas pautas cheguem na gente pelas redes sociais. A luta não pode ser só na disputa simbolica. A câmara da mulher é um lugar importante por nada estar superado, justamente por já ter sido barrada na camara por estar

de branco e rasteirinha numa sexta feira. É preciso sair do encastelamento - saída da câmara municipal. Ocupa DH, rolezinhos, etc. Frente pela economia solidaria, proposição de politicas publicas para diminuir a mortabilidade dos nossos corpos. Sair do lugar da influencia em seus nichos, mas fazer ocupações macro a partir da governança.

consensos	pontos a aprofundar
Necessidade de mais mesas Representativas de mulheres negras	As trajetórias das mulheres negras com as TIC são diversas. Contemplar esta diversidade
As mulheres negras muitas vezes não se vêem como parte de um futuro digital/tecnológico	De que forma o compartilhamento de experiências de mulheres negras no âmbito das TIC leva a participação de outras mulheres?
Os dados de pesquisa não fazem análise interseccional de gênero e raça no âmbito tecnológico	Necessidade de levantamentos de dados com recorte racial e iniciativa de mapeamento de mulheres negras que atuem no campo tecnológico para a formação de redes. A Pretalab, do Olabi, é pioneira nesse sentido.
A representatividade é necessária também na organização dos fóruns de gestão. Quem organiza o fórum? Quantas mulheres negras e periféricas estão incluídas?	Pontos necessários para a abertura dos processos de gestão para a participação de minorias. Além da questão da inclusão é necessário que sejam parte da mudança estrutural/cultural.
Falar sobre questões além das abordagens técnicas, jurídicas e internacionalistas abre espaço para a participação de minorias	De que forma as questões sociais do dia-a-dia das mulheres negras e periféricas está relacionada à gestão da internet? Abertura deste ponto é apontada com caminho de aproximação A empresa InfoPreta admite funcionárias egressas fo sistema presidencial, LGBT e analfabetas funcionais no seu quadro. Ao dar oportunidades como esta amplia o contato dessas atrizes com os meios tecnológicos
Pensar a tecnologia além da internet impulsiona a ampliação da participação nesses espaços	Maria Eloísa (PUC Rio) aponta que a sua trajetória até trabalhar dentro do âmbito tecnológico passou pela indústria, Silvava Bahia se proxima deste meio por meio do jornalismo. De que forma os espaços de gestão podem ampliar a sua noção do fazer tecnológico?

Na mesa não houve pontos de dissensão, apenas questões a serem aprofundadas.

Convite para reformulação do CGI

Marielle Franco

É preciso ocupar os espaços e chocá-los para que sejam de fato representativos. Apropriação da pauta da marcha das mulheres negras em 2015. É a partir da base da pirâmide que precisamos mudar e impactar as políticas públicas.

Buh D'Angelo

Nunca foi barrada, porque se o convite foi feito, foi feito na formação daquela pessoa. Se não respeita a forma como você é, não é necessário estar lá. O reconhecimento enquanto negra se faz desde nascença, pelo acesso que se tem a saúde, educação, transporte. Não há opções, ou se luta ou se luta enquanto pessoa negra.

Silvana

Tecnologia não é só digital. Tocar um tambor também é tecnologia, comunicação. Mistura de impressão 3d com bordado, pois bordado também é uma tecnologia. Tecnologia é algo que tenha que ser feita para você, para você muda-lo e ressignifica-lo.

Maria Eloísa

Não basta fazer o básico - para se afirmar e reafirmar, temos que superar nossos limites. É uma tomada do lugar enquanto seu por direito. Tenta conduzir as energias negativas para que se fortaleça e que se faça o melhor sempre.